

Comércio Exterior da Região Nordeste na Esteira do “Efeito China”

RESUMO

O artigo analisa quantitativamente e qualitativamente o comércio exterior brasileiro e nordestino à luz do movimento da corrente de comércio efetuada entre estes e a China e avalia as trocas através de indicadores de concentração das pautas e de intercâmbio comercial intersetorial. A relação bilateral Brasil-China alcançou níveis recordes em 2010 e consolidou esse país como o maior parceiro comercial brasileiro com forte participação de produtos básicos na pauta exportadora, cujos produtos também são os mais relevantes para a pauta regional. A China, nos dias atuais, é o segundo maior comprador da região e adquire essencialmente do Maranhão e Bahia os produtos: minério de ferro, pasta de madeira e soja. Os principais compradores dos produtos chineses são Bahia, Ceará e Pernambuco, sendo estes, sobretudo, máquinas, laminados de ferro e tecidos.

PALAVRAS-CHAVE

Comércio Exterior. China. Brasil. Região Nordeste.

Maria Cristina Pereira de Melo

- Doutora em Economia pela Universidade de Paris.
- Professora e Pesquisadora do Departamento de Teoria Econômica da Faculdade de Administração, Contabilidade e Atuárias das Universidades Federal do Ceará (UFC)
- Professora do Curso de Mestrado em Logística e Pesquisa Operacional da UFC.
- Membro do Grupo de Pesquisa Região, Indústria e Competitividade (RIC) da UFC.

1 – INTRODUÇÃO

A China, nos dias atuais, é um importante *player* no comércio mundial. A taxa de crescimento do Produto Interno Bruto desse país tem sustentado demanda crescente por produtos básicos e, por conseguinte, tem elevado os preços das *commodities* no mercado mundial. Segundo a World Trade Organization (WTO), a China teve taxas de crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) de 9,6% em 2008, 9,1% em 2009 e 10,3% em 2010, o que puxou suas compras externas com taxas de incremento positivas de 3,8%, 2,9% e 22,1%, respectivamente. (WORLD TRADE ORGANIZATION, 2011). Depois da retração dos preços das *commodities* em 30% em 2009, devido à queda da demanda mundial como consequência da conjuntura internacional, no ano seguinte, os preços desses produtos voltaram a crescer e registraram acréscimo de 26%. A valorização das *commodities* no mercado mundial fica exposta quando se constata que, no período 2005-2010, a taxa média de crescimento ao ano do preço desses produtos foi 9%, ainda segundo a WTO.

Nesse cenário, não é difícil compreender por que a China vem despontando como importante parceiro comercial brasileiro na última década. Tradicional fornecedor de *commodities* para o mercado mundial, o Brasil, em geral, e a região Nordeste, em particular, têm aproveitado os bons momentos da expansão da demanda desses produtos advindos das taxas de crescimento econômico da China. Em 2009, este país tornou-se o principal comprador dos produtos brasileiros deixando os Estados Unidos para trás. A referida região, de seu lado, participa de forma ativa nesse comércio, guardando suas especificidades. De fato, a participação desse destino no comércio externo nordestino vem alcançando importância cada vez maior para a dinâmica das trocas externas da região. Nesse contexto, o Nordeste respondeu, em 2010, por 6% das vendas externas realizadas pelo Brasil para esse destino.

A relação bilateral Brasil-China alcançou níveis recordes em 2010 e consolidou esse país como o maior parceiro comercial brasileiro, com forte participação de produtos básicos na pauta exportadora, cujos produtos também são os mais relevantes para a pauta regional com aquele país.

Estatísticas de comércio externo para o ano de 2010 dão conta de que as participações tanto das vendas como das compras externas nordestinas transacionadas com a China foram sete e seis vezes maiores, respectivamente, comparadas àquelas registradas em 2002. (BRASIL, 2011). Esse movimento ascendente fez com que a China passasse a ocupar, no fim do decênio, a segunda posição no *ranking* dos principais compradores da região, chegando a representar 11% do valor total das vendas ao exterior.

Os estados que compõem a região Nordeste respondem de maneira diferenciada ao estímulo de expansão do comércio externo. Dessa forma, constata-se, já em 2008, forte concentração das vendas para a China em dois estados (Bahia e Maranhão). Sem dúvida, o comércio desses estados tem se beneficiado da expansão do intercâmbio comercial com esse país e do aumento de preços de suas *commodities* no mercado mundial em 2007 e 2008, tendo em vista serem os principais exportadores desses produtos. Por seu lado, as compras oriundas da China estavam concentradas em quatro estados (Bahia, Ceará, Pernambuco e Paraíba), que responderam por 89% do valor total das importações de produtos chineses pelo Nordeste. (FONTENELE; MELO, 2010).

Se, de um lado, a pauta exportadora nordestina em direção à China manteve-se razoavelmente estável, com poucos setores responsáveis pela grande parte do movimento das vendas, de outro lado, as compras regionais oriundas daquele país tornaram-se cada vez mais diversificadas, incluindo bens manufaturados de diversas naturezas: bens de consumo duráveis, não-duráveis, bens de equipamentos e bens intermediários. Deve-se atentar para o fato de que as compras de mercadorias chinesas efetuadas pela região, de forma indiscriminada, podem ameaçar determinados setores da economia regional que são importantes para a estrutura produtiva e para o comércio externo da maioria dos estados da região, como é o caso do setor de calçados e de confecções. Por exemplo, para os estados do Ceará, Paraíba e Bahia, certa repercussão da entrada de produtos chineses já se esboçava em 2007, sobretudo para o setor de calçados em seus diversos segmentos, tais como: calçados elaborados a partir de produtos sintéticos, calçados para esporte fabricados a partir

de matéria têxtil ou sintética e calçados de couro. (MELO; MOREIRA; VELOSO, 2010).

Nesse contexto, o artigo visa analisar quantitativamente e qualitativamente o comércio exterior brasileiro e nordestino à luz do movimento da corrente de comércio efetuada entre o Brasil e a China e este país e a região Nordeste, em particular. A característica das trocas quanto ao grau de concentração das pautas de compra e venda e quanto ao perfil do intercâmbio comercial, intersetorial ou intrassetorial pode revelar se a região está dependente do comércio de poucos setores, portanto, vulnerável às oscilações do mercado internacional, assim como se a região está adquirindo produtos que concorrem diretamente com aqueles produzidos internamente o que, por conseguinte, pode prejudicar a produção interna e o comércio exterior regional.

O artigo consta de três seções: a primeira refere-se aos aspectos metodológicos; a segunda aborda as transações comerciais bilaterais recentes Brasil-China; e a última trata do “efeito China” no comércio externo da região Nordeste.

2 – ASPECTOS METODOLÓGICOS

O período em análise diz respeito aos anos 2000, com ênfase particular nos últimos três anos da década, mais precisamente o período que corresponde à crise internacional de 2009 e à recuperação no ano subsequente. Em um primeiro momento, expõe-se a evolução do comércio externo do Brasil e da região Nordeste com a China através do saldo simples da balança comercial, do comportamento das pautas de exportações e importações. Identificam-se os principais setores/ produtos exportadores pela ótica da competitividade revelada, caracterizada pelo indicador de coeficiente de especialização das exportações/importações (CS) para o país e para a região, o qual expressa a participação das vendas e das compras no total de cada pauta. (BALASSA, 1977). Analisam-se os resultados globais da balança comercial através de indicadores de concentração das exportações e importações e de comércio intrassetorial para o país/região.

O coeficiente de Gini-Hirschman (IC) é o indicador mais utilizado para a análise de concentração setorial das exportações. Este índice é dado pelo somatório dos quadrados da participação de cada setor nas exportações/importações totais do país/região. Quanto maior o grau de diversificação das exportações/importações mais próximo de zero estará o índice. (MICHAELY, 1977).

Utiliza-se o coeficiente de Gini-Hirschman, expresso da seguinte forma:

$$IC = 100 \sqrt{\sum_i \left(\frac{X_i}{X}\right)^2}$$

Onde X_i representa as exportações do setor i e X , as exportações totais.

O comércio intrassetorial estabelecido entre duas economias é definido a partir das transações de exportações e importações efetuadas simultaneamente com produtos pertencentes ao mesmo setor. Por extensão, o comércio intersetorial expressa o intercâmbio estabelecido de produtos oriundos de setores diferentes no mesmo período entre duas economias. De seu lado, o comércio intrassetorial não reflete as vantagens comparativas, e sim as economias de escala presentes em cada economia; estas podem jogar papel independente na troca internacional com as empresas das duas economias transacionando bens diferenciados e impulsionadas pela demanda. (KRUGMAN; OBSTFELD, 1995). O desenvolvimento e a convergência progressiva dos níveis de renda e da complexidade tecnológica conduzem às trocas intrassetoriais mais acentuadas comparativamente às trocas intersetoriais. Economias com níveis de desenvolvimento semelhantes tendem a efetuar trocas intrassetoriais mais intensas. O indicador de comércio intrassetorial (IS) utilizado para estimar a intensidade das trocas de produtos do mesmo setor é o coeficiente Grubel e Lloyd (1975) e é apresentado como se segue:

$$IS = \left\{ 1 - \left[\frac{\sum |X_i - M_i|}{\sum (X_i + M_i)} \right] \right\} 100$$

Onde X_i representa as exportações do setor i e M_i , as importações do setor i . O IS fornece a medida do comércio intrassetorial para o conjunto do setor industrial e não do produto. Esse indicador varia de 0

a 100. Um valor próximo de 100 expressa comércio intrassetorial muito elevado, o que significa que quase todo o comércio é intrassetorial e, neste caso, as vantagens comparativas não explicam as trocas. Estas estão associadas às economias de escala e ao grau de diferenciação dos produtos. Quando o indicador se aproxima de zero, fica evidenciado que as trocas se relacionam às fontes tradicionais de vantagens comparativas, isto é, à dotação de fatores. Vale ressaltar que esse indicador expressa o total das trocas ocorridas dentro do mesmo setor, seja o comércio de bens intermediários contra bens finais como também trocas de produtos com variedade ou qualidade diferente. A qualificação das trocas pode ser efetuada através da análise desagregada dos produtos que compõem cada um especificamente.

Os dados utilizados são do Ministério da Indústria e Comércio (MDIC), através do sistema Alice, e a denominação de setores (01 a 99) segue a Nomenclatura Comum do Mercosul (NCM), utilizada pela Secretaria de Comércio Exterior do Ministério do Desenvolvimento da Indústria e Comércio Exterior do Brasil.

3 – A EXPANSÃO DO COMÉRCIO EXTERNO DA CHINA E OS REBATIMENTOS NAS TRANSAÇÕES COMERCIAIS EXTERNAS BRASILEIRAS NO PERÍODO RECENTE: EFEITO PRIMARIZAÇÃO?

O Brasil registrou, entre 2002 e 2008, trajetória ascendente no volume de comércio externo apoiada, sobretudo, na expansão das exportações. Nesse período, as vendas do país ao exterior cresceram anualmente 22%, percentual muito acima da média mundial. De seu lado, as importações brasileiras aumentaram, anualmente, 25% nesse período, fazendo com que o volume de comércio brasileiro chegasse a registrar níveis históricos no ano de 2008. Esse movimento crescente da corrente de comércio se inverte no ano seguinte, como reflexo da crise internacional; a retração da demanda mundial fez decrescer em 23% o valor total das vendas externas em 2009. De seu lado, as compras brasileiras encolheram em 26% nesse ano. Esse efeito não tardou a se inverter

e, já em 2010, o país chega a níveis históricos do volume de comércio externo.

O comércio externo brasileiro, nos anos recentes, tem as estruturas de suas pautas modificadas significativamente. De fato, quanto ao valor agregado, a pauta exportadora caminha na direção de os produtos básicos registrarem parcelas cada vez mais importantes; de 2008 para 2010, a participação desse segmento cresceu 21% em detrimento dos produtos industrializados. Neste segmento, foram os manufaturados que diminuíram em peso, notadamente, os bens de capital e os bens de consumo. Do lado das compras, a situação foi inversa: os produtos industrializados ganharam espaço e, neste caso, foram os manufaturados os responsáveis, em especial, os bens de capital e os bens de consumo.

Deve-se ressaltar que, já em 2004, observava-se mudança do padrão de comércio, quando os saldos comerciais do Brasil começaram a se reduzir em virtude dos avanços de produtos chineses no mercado interno. Nesse momento, setores dinâmicos, como eletrônicos e máquinas e equipamentos, começaram a ter importância na pauta importadora regional ao lado daqueles tradicionais já consolidados, como os de brinquedos e de vestuário, por exemplo.

No comércio com a China, os superávits comerciais também eram observados até 2006, quando se interrompeu a tendência no ano seguinte. (Tabela 1). O ponto de inflexão, que ocorreu em 2007, não estava associado a um recuo das exportações, as quais permaneceram crescendo, apesar da apreciação cambial, mas ao aumento expressivo das importações em 2007 e 2008. Em 2009, o saldo comercial com aquele país voltou a ser superavitário, conservando-se no ano seguinte, apesar da forte expansão das compras em 2010. De fato, a alta dos preços das *commodities*, na segunda metade dos anos 2000, proporcionou termos de troca recorde para o Brasil.

As importações crescentes da China, dos produtos brasileiros, foram fundamentais para amortecer os efeitos da recessão global nas contas externas brasileiras, à medida que a demanda chinesa garantiu alta das *commodities*. Segundo a Fundação de Comércio Exterior (Funcex), “sem o efeito China

Tabela 1 – Brasil: Evolução do Saldo da Balança Comercial (2002-2010) (US\$milhão)

Ano	Mundo			China			X China/ X Mundo (%)	M China/ M Mundo (%)
	Exportações	Importações	Saldo	Exportações	Importações	Saldo		
2002	60.439	47.243	13.196	2.521	1.554	967	4,17	3,29
2003	73.203	48.326	24.878	4.533	2.148	2.386	6,19	4,44
2004	96.678	62.836	33.842	5.442	3.710	1.731	5,63	5,91
2005	118.529	73.600	44.929	6.835	5.355	1.480	5,77	7,28
2006	137.807	91.351	46.457	8.402	7.990	412	6,10	8,75
2007	160.649	120.624	40.025	10.749	12.619	-1.870	6,69	10,46
2008	197.942	173.197	24.746	16.403	20.040	-3.637	8,29	11,57
2009	152.995	127.672	25.322	20.191	15.911	4.279	13,20	12,46
2010	201.915	181.649	20.267	30.786	25.593	5.193	15,25	14,09

Fonte: Elaboração Própria da Autora com Base nos Dados de Brasil (2011).

da alta das *commodities* o *superávit* comercial se transformaria e o saldo negativo da conta corrente chegaria a US\$ 89 bilhões, ou seja, 4% do PIB”. (LANDIM, 2011). As compras chinesas têm sido responsáveis pela ascendente participação das *commodities* na pauta exportadora brasileira. Em 2010, esses bens representavam perto de 70% do valor total exportado pelo país.

No período recente, ocorreram algumas modificações na posição dos parceiros comerciais do Brasil. A China, que vinha ocupando espaço cada vez maior desde 2003, chega em 2010, a ser o primeiro comprador dos produtos brasileiros, ultrapassando em seis pontos percentuais o tradicional parceiro Estados Unidos. (Tabela 2 e Gráfico 1). A situação praticamente se inverte nos três últimos anos: a diferença da parcela a favor dos Estados Unidos, em 2008, favorece a China em 2010. De fato, de 2000 para 2010, a corrente de comércio entre o Brasil e a China aumentou mais de 20 vezes; em 2000, era 2,3 bilhões de dólares e, em 2010, saltou para 56,4 bilhões de dólares. Neste último ano, as exportações brasileiras para aquele país registraram 30,4 bilhões de dólares, correspondendo a 15% do valor total vendido ao exterior pelo país, cujos principais produtos foram minério de ferro e soja. Por seu lado, as importações oriundas da China totalizaram 25,6 bilhões de dólares, ou seja, 14,1% do valor total comprado do exterior pelo país, tendo como principais produtos componentes eletrônicos, telas de *Liquid Cristal Display* (LCD) e máquinas. A Argentina, principal parceiro brasileiro do Mercosul, sai da segunda posição

em 2008 para a terceira, nos dois anos subsequentes, mantendo mais ou menos a mesma participação. Segundo Landim (2011), enquanto a demanda dos países ricos se retraiu, a China continuou a consumir. A empresa Vale S/A destinou, no segundo trimestre de 2011, 42% de suas vendas de minério de ferro para a China o que, em 2008, representava 28%.

Os índices tanto de *quantum* das compras como das vendas do Brasil para a China sustentaram taxas de crescimento no período 2000-2007, no entanto, o ritmo de incremento do *quantum* importado foi mais acelerado do que o do *quantum* exportado, cuja tendência se acentua nos anos mais recentes. (MELO; MOREIRA; VELOSO, 2010). No triênio 2008-2010, os índices de preço e de *quantum* das exportações brasileiras para esse país revelam a importância crescente desse destino para as mercadorias nacionais. (Gráfico 2). Apesar de, em 2009, ter havido retração do *quantum* exportado relativamente ao ano anterior, os preços dos bens adquiridos pelo citado parceiro continuaram em ascensão, justificando, dessa forma, o incremento significativo da parcela chinesa no valor total das vendas externas brasileiras.

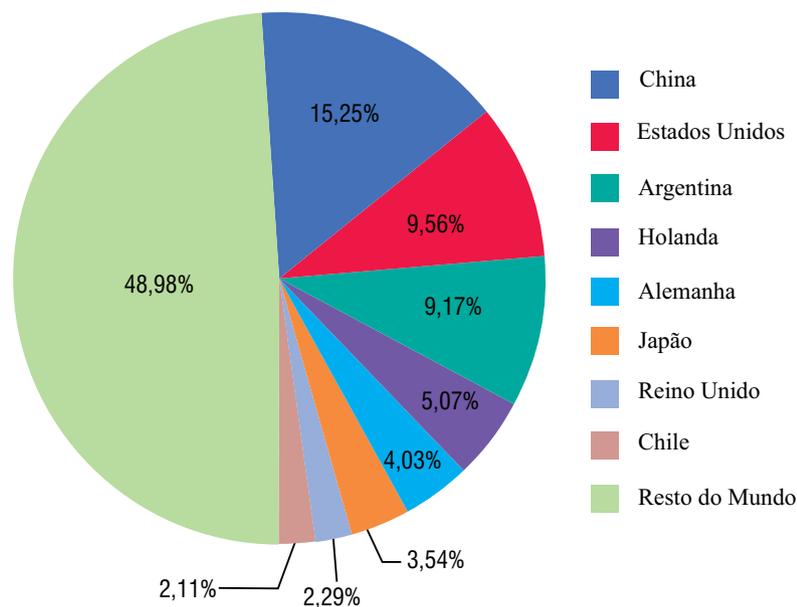
Quanto à intensidade tecnológica¹ dos produtos transacionados no mercado mundial, o resultado das contas externas brasileiras indica saldo negativo

¹ Segundo a Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), os produtos, quanto à intensidade tecnológica, são classificados como sendo de alta, média-alta, média-baixa e baixa intensidade. (OCDE, 2011).

Tabela 2 – Brasil: Principais Destinos de 2010 (%)

Ranking	País	2008	2009	2010
1	China	8,29	13,73	15,25
2	Estados Unidos	13,85	10,20	9,56
3	Argentina	8,89	8,36	9,17
4	Países Baixos (Holanda)	5,30	5,33	5,07
5	Alemanha	4,47	4,04	4,03
6	Japão	3,09	2,79	3,54
7	Reino Unido	1,92	2,43	2,29
8	Chile	2,42	1,74	2,11
9	Itália	2,41	1,97	2,10
10	Federação da Rússia	2,35	1,90	2,06
11	Espanha	2,04	1,72	1,92
12	Venezuela	2,60	2,36	1,91
13	República da Coreia (sul)	1,58	1,74	1,86
14	México	2,16	1,75	1,84
15	França	2,08	1,90	1,77
16	Provisão de navios e aeronaves	2,34	1,71	1,77
17	Índia	0,56	2,23	1,73
18	Bélgica	2,23	2,05	1,72
19	Arábia Saudita	1,30	1,28	1,53
20	Santa Lúcia	1,81	1,59	1,36
21	Demais países	28,31	29,22	27,42

Fonte: Elaboração Própria da Autora com Base nos Dados de Brasil (2011).

**Gráfico 1 – Brasil: Destino das Exportações (2010)**

Fonte: Elaboração Própria da Autora com Base nos Dados de Brasil (2011).

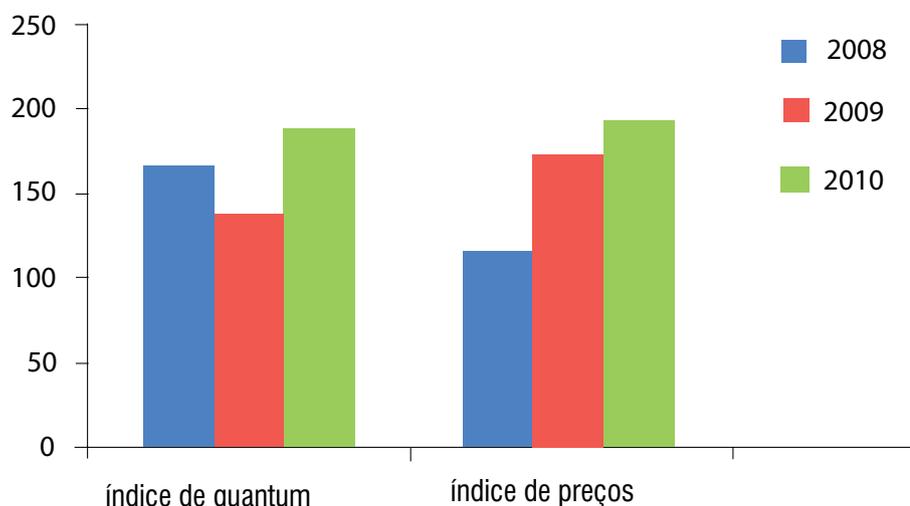


Gráfico 2 – Brasil: índices de *Quantum* e de Preços das Exportações para a China (2008-2010)

Fonte: Elaboração Própria da Autora a partir de Fundação de Comércio Exterior (2011).

Nota: 2006=100.

crescente para os setores classificados como de alta intensidade tecnológica, média-alta e média-baixa, restando apenas, com resultado positivo, os setores cujos produtos são classificados como de baixa intensidade tecnológica. De fato, tomando o período 2002-2008, nota-se que apenas os setores de baixa intensidade tecnológica cresceram e registraram incremento de 18% das vendas externas. Quanto às compras, somente os setores de média-baixa intensidade sofreram retração de 3%. No ano de 2009, como reflexo da crise internacional, todos os segmentos encolheram tanto para as compras como para as vendas. (BRASIL, 2011).

A análise do perfil do comércio bilateral entre Brasil e China, nos últimos anos, mostra que, no total do valor das exportações brasileiras, é forte o peso de mercadorias de baixo conteúdo tecnológico. Os resultados do comércio entre os dois países, segundo intensidade tecnológica, referenda a tendência apontada das transações brasileiras com o resto do mundo, ou seja, saldo positivo apenas nos segmentos de baixa intensidade. (Gráfico 3). Isto não é um fato isolado do comércio da China com o Brasil, pois, em geral,

aquele país vem comprando sistematicamente produtos agrícolas e minerais de países em desenvolvimento e, em outro movimento, vem comprando bens intermediários e de capital de países desenvolvidos.

Ainda com relação ao comércio brasileiro, devem-se ressaltar as características gerais referentes aos indicadores de concentração. No período 2002-2010, constata-se que as exportações brasileiras totais estavam mais concentradas no fim do período, ainda que o indicador não revele forte concentração. Em 2002, trinta e quatro setores respondiam por 90% das vendas externas brasileiras e, em 2010, são trinta e um os responsáveis por essa parcela. A participação da China como forte compradora de determinados produtos, com certeza, favoreceu a trajetória em direção à concentração. De seu lado, as importações sustentam praticamente o mesmo nível de concentração no citado período, apesar da crescente entrada de produtos chineses na economia nacional. Isto se explica pelo fato de que, na realidade, tem ocorrido, de maneira sistemática, substituição de fornecedores de insumos para a indústria brasileira por fornecedores chineses e não mudança na estrutura da pauta. (Tabela 3).

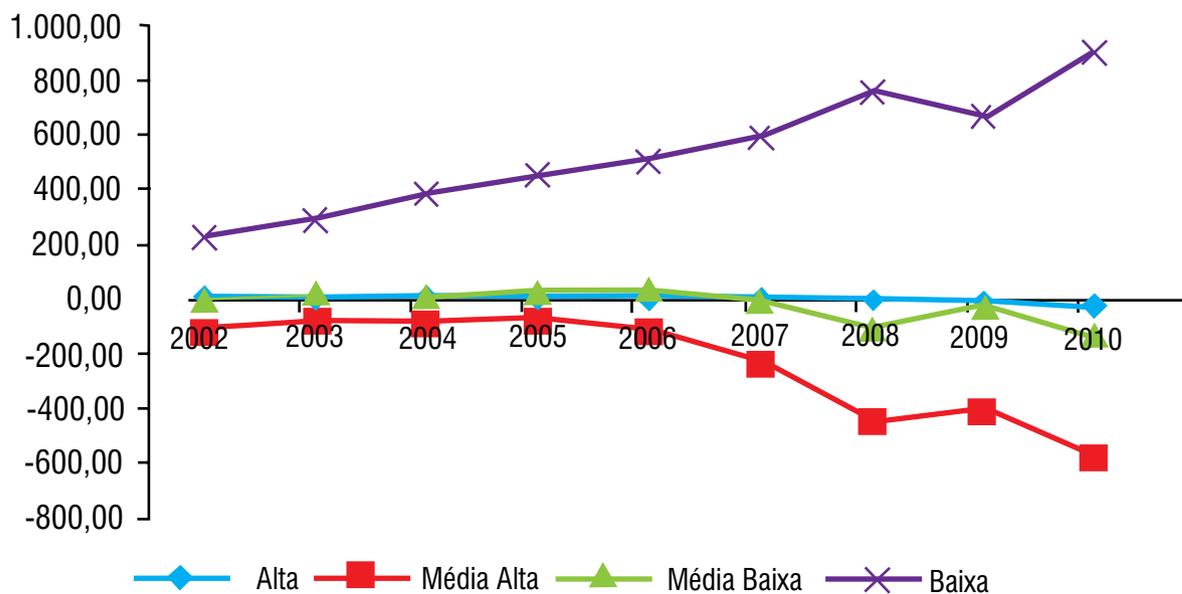


Gráfico 3 – Brasil: Saldo da Balança Comercial com a China segundo a Intensidade Tecnológica (US\$ milhão)

Fonte: Elaboração Própria da Autora com Base nos Dados de Brasil (2011).

Com relação, ainda, ao comércio brasileiro com a China, chama a atenção o grau de concentração duas vezes mais elevado das exportações quando se compara com o comércio do Brasil com o resto do mundo. De fato, a pauta exportadora brasileira para a China está concentrada em muito poucos setores, os quais estão associados, sobretudo, a *commodities* agrícolas e minerais. As vendas para a China estão cada vez mais concentradas em um processo que se vem delineando ao longo da década. De seu lado, as compras para esse país mantêm oscilação de cinco pontos, para mais ou para menos, no decorrer

do decênio. A China vem aparecendo cada vez com maior intensidade como fornecedora de insumos industriais estratégicos para o setor de eletroeletrônicos no quadro da cadeia global de produção. Este fato tem feito crescer as importações brasileiras de bens intermediários destinados à produção neste setor e efetuadas por montadoras multinacionais instaladas internamente, como é o caso da Samsung, hoje a maior empresa importadora do país ao lado de outras transnacionais, como Volkswagen, Renault, Volvo, Mitsubishi, Iveco, Moto Honda e Motorola.

Tabela 3 – Brasil: Índice de Concentração das Exportações e Importações (2002-2010)

Ano	Mundo		China	
	ICX	ICM	ICX	ICM
2002	19,26	29,69	42,51	36,93
2003	19,74	29,06	39,21	39,63
2004	20,07	29,85	39,72	42,00
2005	21,16	30,43	40,01	44,12
2006	20,96	30,25	45,05	44,35
2007	20,56	29,65	45,68	40,34
2008	21,55	30,13	47,18	38,26
2009	21,24	28,73	48,82	40,33
2010	24,01	29,20	51,99	39,52

Fonte: Elaboração Própria da Autora com Base nos Dados de Brasil (2011).

A concentração fica mais evidente ao se observar o coeficiente de especialização dos principais setores exportadores do Brasil para a China. Este indicador expressa que apenas sete setores respondiam por 90% das vendas do país para aquele destino em 2010. Somente os capítulos (26) minérios, escórias e cinzas e (12) sementes e frutos oleaginosos, grãos, sementes participavam com mais de 65% das exportações brasileiras para esse país. Observa-se, na pauta de exportações brasileira para a China, que, ano a ano, a concentração nestes setores vem-se reforçando. (BRASIL, 2011).

O indicador de comércio intrassetorial do Brasil com o mundo está próximo de cinquenta em todo o período 2002-2010, o que revelaria uma configuração da corrente de comércio externo relativamente equilibrada entre as trocas inter e intrassetoriais. Esta é uma situação de uma economia com importante nível de atividade produtiva nos vários setores e importante demanda interna.

No entanto, na avaliação das trocas intrassetoriais com a China, o intercâmbio é caracterizado por maior peso das transações intersetoriais, com o índice oscilando entre sete e dezessete no período observado e apresentando trajetória de retração no caminho percorrido a partir da segunda metade da década. (Tabela 4). Essa tendência revela que o comércio bilateral Brasil-China está cada vez mais baseado nas vendas brasileiras de produtos que exploram vantagens comparativas, isto é, baseado na dotação de fatores e adquirindo dessa origem produtos industrializados,

Tabela 4 – Brasil: Índice de Comércio Intrassetorial (2002-2010)

Ano	Mundo	China
2002	46,52	14,79
2003	47,25	14,30
2004	45,28	16,95
2005	48,91	15,62
2006	52,26	13,79
2007	51,95	12,22
2008	49,81	11,58
2009	48,65	8,73
2010	47,83	7,35

Fonte: Elaboração Própria da Autora com Base nos Dados de Brasil (2011).

intermediários e finais, de segmentos bastante diversos.

Os produtos minérios de ferro não-aglomerados e grãos de soja perfizeram, em 2010, mais da metade do valor total vendido para a China. (Tabela 5). Estes produtos, juntamente com minérios de ferro aglomerados e pasta de madeira, fazem parte, com forte peso, da pauta de vendas nordestinas para esse destino.

As importações brasileiras oriundas da China, em 2010, registraram crescimento de cerca 60% em relação a 2009. Dois setores se destacaram na pauta (máquinas, aparelhos e materiais elétricos e reatores e máquinas nucleares), que, juntos, somaram 53%

Tabela 5 – Brasil: Principais Produtos Exportados para China em 2010 (CS)

NCM	Produtos	CS
26011100	Minérios de ferro não-aglomerados e seus concentrados	0,3956
12010090	Outros grãos de soja, mesmo triturados	0,2317
27090010	Óleos brutos de petróleo	0,1317
26011200	Minérios de ferro aglomerados e seus concentrados	0,0376
47032900	Pasta química de madeira de não-conífera	0,0295
15071000	Óleo de soja bruto	0,0254
17011100	Açúcar de cana, em bruto	0,0164
88024090	Outros aviões/veículos aéreos, peso > 15000kg, vazios	0,0120
24012030	Fumo não-manufaturado total/parcial	0,0111
72029300	Ferronióbio	0,0106

Fonte: Elaboração Própria da Autora com Base nos Dados de Brasil (2011).

Nota: produtos destacados também fazem parte com relevância da pauta exportadora do Nordeste para a China.

de participação das compras brasileiras da China e obtiveram crescimentos nas compras de 51% e 75% em relação a 2009, respectivamente. (BRASIL, 2011). Os componentes para a indústria eletroeletrônica têm-se destacado nesse processo. Na esteira da expansão e consolidação das cadeias globais, o país vai-se afirmando como montador de bens duráveis e, por conseguinte, faz-se necessária a importação crescente de bens intermediários para as multinacionais. (WANATABE, 2011).

Segundo sondagem da Confederação Nacional da Indústria (CNI), a presença chinesa no mercado doméstico é mais intensa em seis setores industriais: material eletrônico e de comunicação, têxteis, equipamentos hospitalares e de precisão, indústrias diversas, calçados e máquinas e equipamentos. Dentre estes, as indústrias de material eletrônico e de comunicação e têxteis estão expostas a uma competição especialmente intensa: mais de 70% das empresas dos setores competem com produtos chineses. (SONDAGEM ESPECIAL, 2011).

A sondagem da CNI citada revela, ainda, que o impacto sobre a indústria brasileira é evidente, pois cerca de metade das empresas industriais expostas à competição com produtos chineses perdeu participação no mercado doméstico; para 9% delas, a participação diminuiu muito. Nessa pesquisa, ficou evidenciado que 41% das empresas concorrem com produtos chineses no mercado doméstico, mas mantiveram inalterada a participação nesse mercado. A sondagem assinala que, em quatro setores (produtos de metal, couros, calçados e têxteis), mais da metade das empresas brasileiras que concorrem com produtos chineses perderam participação no mercado doméstico.

4 – A INSERÇÃO DO COMÉRCIO EXTERIOR DA REGIÃO NORDESTE NO CONTEXTO DA EXPANSÃO DO COMÉRCIO DA CHINA

O comércio exterior da região Nordeste, no período 2003-2008, apresentou dinâmica muito mais forte em relação aos anos iniciais da década, sobretudo no que se refere às exportações. Nesse contexto, as

vendas regionais ao exterior, no triênio 2003-2005, incrementaram cerca de 30% ao ano, percentual muito acima do que vinha sendo registrado. As importações tomaram maior impulso a partir de 2004, quando cresceram em média 30% ao ano até 2008. Como resultado, o saldo da balança comercial negativo, desde 1996, torna-se positivo com trajetória ascendente a partir de 2003.

Informações para o ano de 2003 mostram saldos positivos para sete dos nove estados nordestinos e apenas Pernambuco e Sergipe ainda registraram saldos negativos. Neste ano, dentre aqueles com superávit comercial, o Estado da Bahia novamente se destacou pela geração de 60% de contribuição positiva, enquanto Pernambuco foi responsável por 87% da geração negativa do resultado. Em 2008, quatro estados apenas apresentaram saldo positivo na balança comercial. Foram eles Alagoas, Bahia, Piauí e Rio Grande do Norte; os demais voltaram a registrar déficits. (FONTENEL; MELO, 2010).

Esses resultados quantitativos revelam, em uma primeira aproximação, que essa região participou de maneira decisiva para a dinâmica recente das vendas nacionais, que, em 2005, registrou resultado jamais alcançado. Com efeito, a região participou com 10% para o aumento das exportações brasileiras entre 2002 e 2005. No entanto, em 2006 e 2007, o crescimento das exportações foi menos proporcional que o das importações e o saldo da balança se retraiu ainda mais, comparativamente aos anos imediatamente anteriores; no último ano, o saldo volta a ser negativo. Em 2008, o resultado negativo se mantém, tendo em vista que as compras cresceram muito mais proporcionalmente que as vendas relativamente a 2007; estas últimas incrementaram 33%. (Tabela 6).

O crescimento do valor das exportações nordestinas, em 2008, foi influenciado pelo aumento dos preços das *commodities* até a primeira metade do ano, tal qual ocorreu nos dois anos anteriores. O aumento do preço do petróleo puxou fortemente o crescimento das exportações de combustíveis realizadas pela Bahia. Os preços de *commodities*, como a soja, sofreram elevação até a metade do ano com a especulação dos preços nos mercados futuros. O destino das vendas de maior destaque, nesse

ano, foi a Ásia, notadamente a China. (INSTITUTO DE ESTUDOS..., 2011).

Como impacto da crise internacional, as vendas externas regionais, em 2009, retraíram 25% e as compras ainda mais, ou seja, 31%, o que favoreceu resultado positivo no comércio externo regional. Em 2010, a situação se reverte e o crescimento do comércio é evidente, refletindo não só a expansão da demanda externa como também o dinamismo da economia internamente. No entanto, o incremento das importações em 62%, comparativamente a 2009, expressou saldo negativo bastante significativo e seis vezes maior que aquele de 2008. O comportamento favorável dos mercados internacionais, em especial a China, impulsionou, sem dúvida, as vendas nos segmentos próximos à agropecuária e à extração mineral, tão importantes na pauta regional.

De fato, as trocas comerciais da região Nordeste com a China também tomaram impulso nos anos 2000 e são responsáveis por grande parte do crescimento da corrente de comércio regional com o mundo. No período 2003-2008, as vendas externas nordestinas para a China cresceram, em média, 68% ao ano e as compras registraram crescimento médio anual de 64%. A participação desse destino no comércio externo nordestino tem registrado importância cada vez maior para a dinâmica das trocas externas da região.

Em 2010, a participação tanto das vendas como das compras nordestinas transacionadas com a China, relativamente ao comercializado com o mundo, foram sete e seis vezes maiores, respectivamente, comparada

àquela registrada em 2002. Dessa forma, a China passou a ocupar, em 2010, a segunda posição no *ranking* dos principais compradores da região e ainda expressa trajetória ascendente, chegando a representar 11% do valor total das vendas ao exterior naquele ano.

A corrente de comércio entre a região Nordeste e a China estava, em 2010, 40% maior que aquela de 2008. As exportações regionais corresponderam, nesse ano, a 6% do valor total vendido pelo país à China, vendas efetuadas essencialmente pelo Estado do Maranhão (18% das vendas do Estado vão para a China, principal comprador estadual) e da Bahia (13% das vendas externas vão para a China), com ênfase nos produtos minério de ferro, pasta de madeira e soja. Já as importações representaram 7% do total comprado pelo país daquela origem. Os principais estados compradores na região, em 2010, foram Bahia, Ceará e Pernambuco, sendo os produtos adquiridos pelo Nordeste, sobretudo, máquinas, laminados de ferro e tecidos. (BRASIL, 2011).

Sem dúvida alguma, nos últimos três anos, ocorreram mudanças significativas nas posições dos parceiros compradores dos produtos regionais. Os Estados Unidos continuaram sendo o principal comprador do Nordeste, mas apresentaram perda de três e meio pontos percentuais entre 2008 e 2009. A China, que já vinha aumentando sua parcela nessa pauta, passa a ocupar a segunda posição, que se mantém em 2010 ganhando, entre esses dois anos, cerca de quatro pontos percentuais. A Holanda sai da segunda posição para a quarta, perdendo cerca de

Tabela 6 – Nordeste: Evolução do Saldo da Balança Comercial (2002-2010) (US\$milhão)

Ano	Mundo			China			X China/ X Mundo (%)	M China/ M Mundo (%)
	Exportações	Importações	Saldo	Exportações	Importações	Saldo		
2002	4.656	4.660	-4	79	76	3	1,69	1,62
2003	6.112	4.329	1.783	139	101	38	2,27	2,34
2004	8.044	5.511	2.533	207	208	-1	2,58	3,78
2005	10.561	6.308	4.253	483	287	196	4,57	4,56
2006	11.629	8.855	2.774	591	486	105	5,08	5,48
2007	13.086	11.790	1.297	938	860	78	7,16	7,29
2008	15.452	15.724	-272	1.138	1.351	-213	7,36	8,59
2009	11.616	10.735	881	1.361	1.022	339	11,71	9,52
2010	15.868	17.487	-1.620	1.784	1.721	63	11,25	9,84

Fonte: Elaboração Própria da Autora com Base nos Dados de Brasil (2011).

Tabela 7 – Nordeste: Principais Destinos de 2010 (%)

Ranking	País	2008	2009	2010
1	Estados Unidos	20,41	16,89	15,34
2	China	7,36	11,71	11,25
3	Argentina	9,25	8,32	9,62
4	Holanda	11,98	8,05	6,17
5	Itália	4,37	3,09	3,96
6	Japão	2,45	1,67	3,95
7	Espanha	2,66	2,59	3,32
8	Antilhas Holandesas	0,38	2,60	3,27
9	Alemanha	4,32	3,76	3,21
10	Reino Unido	2,47	3,29	3,11
11	Federação da Rússia	1,80	2,87	2,63
12	Coreia do Sul	0,79	1,98	2,29
13	México	3,25	2,19	2,20
14	Portugal	0,77	1,46	2,05
15	Bélgica	2,26	2,02	1,86
16	Colômbia	1,11	1,48	1,74
17	Venezuela	1,72	2,28	1,72
18	Canadá	1,05	1,38	1,69
19	Provisão de navios e aeronaves	1,54	1,36	1,52
20	França	2,09	1,96	1,37
21	Demais países	18,40	19,02	17,73

Fonte: Elaboração Própria da Autora com Base nos Dados de Brasil (2011).

quatro pontos percentuais. Nesse contexto, a Argentina se mantém na terceira posição ao longo dos três anos, com baixa oscilação de sua parcela em 2010. (Tabela 7 e Gráfico 4).

As especificidades do comércio externo da região com a China podem ser mais bem apreendidas através dos índices de concentração das vendas e das compras, do comércio intrassetorial e da análise setorial.

O índice de concentração setorial (ICX) das exportações regionais para o mundo, em 2010, expressou um número próximo de vinte e quatro e das importações (ICM), pouco abaixo de quarenta, o que equivale dizer que há maior distribuição setorial das vendas do que das compras. (Tabela 8). Geralmente, o índice de concentração das exportações tende a ser mais elevado que o das importações, à medida que o comércio internacional leva a uma especialização da produção e a uma diversificação do consumo. Tendo

em vista o Nordeste ser uma região pouco dinâmica economicamente, a situação está invertida.

Para a China, o índice de concentração das exportações em 2010 foi 85% maior que aquele registrado para o total das vendas externas regionais, enquanto o indicador de concentração das importações dessa origem revela, para esse ano, 6% abaixo daquele registrado para as compras externas totais. (Tabela 8). Este resultado denota que a região mantém com a China relação comercial muito concentrada nas vendas de produtos associados a poucos setores, no caso *commodities* minerais e agrícolas e uma pauta de compras dessa origem com razoável nível de diversificação, que incluem, além de bens de consumo, cada vez mais bens intermediários e de capital, não muito distante daquela que a região mantém com o resto do mundo. Tanto as vendas como as compras para a China, ao longo dos anos 2000, têm registrado movimentos cíclicos de desconcentração e reconcentração sem trajetórias definidas.

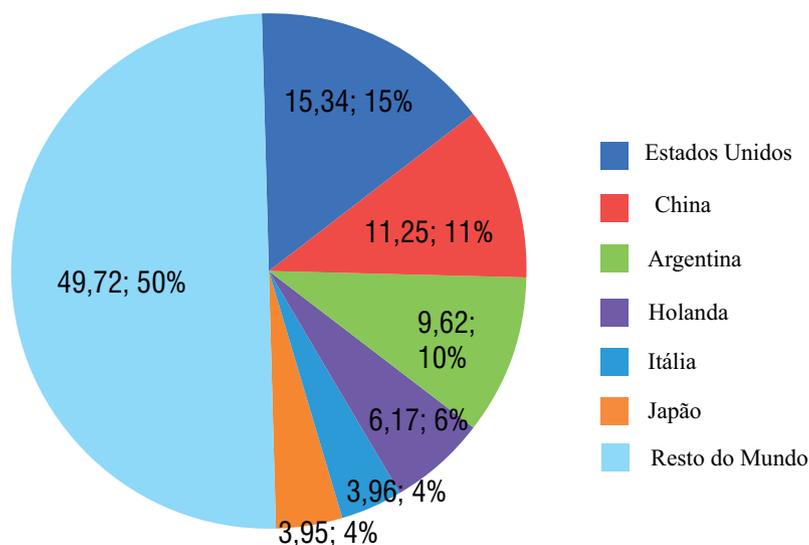


Gráfico 4 – Nordeste: Destino das exportações (2010)

Fonte: Elaboração Própria com Base nos Dados de Brasil (2011).

A concentração setorial expressa pelos indicadores acima pode ser referendada pela desagregação setorial. O conjunto formado pelos principais setores exportadores regionais, ou seja, 90% da pauta, era composto por vinte e seis em 2002 e passa para vinte e um em 2010. Apenas seis setores foram responsáveis por 91% do valor total das vendas externas regionais para a China em 2010, participação ainda mais concentrada, se comparada com aos anteriores da década. Para as importações, o resultado foi menos concentrado, ou seja, o conjunto dos principais setores que compõem 90% da pauta de compras foi formado por dezenove deles. De seu lado,

a concentração reflete-se em nível empresarial: apenas onze empresas exportadoras nordestinas, em 2010, foram capazes de vender metade do que foi expedido para o exterior, contra dezessete em 2002.

De seu lado, o indicador de comércio intrasetorial (IS) da região com o mundo sofreu alteração com a expansão do comércio externo regional nos últimos anos, porém, de forma instável. Nos dias atuais, o indicador está situado próximo de quarenta, o que revelaria uma configuração da corrente de comércio mais próxima à exploração, por parte da região, das tradicionais vantagens comparativas, ou seja, à

Tabela 8 – Nordeste: Índice de Concentração das Exportações e Importações (2002-2010)

Ano	Mundo		China	
	ICX	ICM	ICX	ICM
2002	22,71	36,50	50,68	32,11
2003	23,01	34,61	39,83	35,29
2004	22,30	36,35	38,77	44,15
2005	23,67	40,83	42,34	41,21
2006	22,43	40,11	44,35	40,40
2007	21,64	37,77	41,49	37,90
2008	22,26	39,43	48,77	32,17
2009	23,15	32,67	47,13	35,94
2010	23,98	37,20	44,37	35,01

Fonte: Elaboração Própria da Autora com Base nos Dados de Brasil (2011).

dotação de fatores. (Tabela 9). Para a China, as trocas estão fortemente caracterizadas pelas transações intersetoriais. Em 2010, esse indicador chegou a ser mais baixo do que aquele registrado em 2002. Isto pode significar que a região está vendendo para a China, essencialmente, bens pertencentes a setores tradicionais da economia regional, isto é, a região troca produtos básicos por industrializados de segmentos industriais distintos. Ainda aqui, a característica de instabilidade esteve presente no caminho percorrido por esse índice nos anos analisados.

De fato, a pauta exportadora da região Nordeste para a China é composta fundamentalmente de setores tradicionais da pauta regional. O conjunto dos principais setores registrou aumento de suas vendas entre 2002 e 2010, exceção para o setor de minérios, que só começou a ser vendido para a China em 2003.

Tabela 9 – Nordeste: Índice de Comércio Intrasetorial (2002-2010)

Ano	Mundo	China
2002	33,91	9,49
2003	41,65	16,30
2004	39,67	14,85
2005	42,55	11,11
2006	37,56	6,69
2007	39,94	7,42
2008	40,72	5,54
2009	34,06	9,25
2010	38,47	7,89

Fonte: Elaboração Própria da Autora com Base nos Dados de Brasil (2011).

A partir de então, este não só cresceu suas vendas como também se tornou bastante representativo no conjunto exportado. Esse destino adquiriu, em 2010, 30% daquilo que foi vendido ao exterior pela região pelo setor minérios, escórias e cinzas. (Tabela 10).

Outros setores que ainda não assinalaram importância relativa destacada podem ser mencionados, tendo em vista o incremento de suas vendas registrado no período, apesar de se constatarem comportamentos irregulares. Neste conjunto, estavam: ferro fundido, ferro e aço, cobre e suas obras, algodão, máquinas e aparelhos elétricos e materiais elétricos, calçados, gorduras e frutas, para citar na ordem dos que mais cresceram. (BRASIL, 2011).

4.1 – A Dinâmica do Comércio Externo da Região em uma Perspectiva Estadual

A participação estadual na dinâmica do comércio exterior da região Nordeste pode ser observada, de início, tomando por base a parcela de cada um dos estados nas vendas e compras externas, no total transacionado pela região. Existe um grupo de estados que, na atualidade, tem forte peso nas vendas externas totais regionais. São eles: Bahia e Maranhão (os dois estados totalizaram, em 2010, 74% das exportações regionais). Para as compras, o conjunto de maior representatividade é composto por Bahia, Maranhão, Pernambuco e Ceará (90% das importações nordestinas). No comércio com a China, a situação está ainda mais concentrada. Os dois

Tabela 10 – Nordeste: Principais Setores Exportadores para a China em 2010 (2002-2010) (CS)

NCM	Setores	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
47	Pastas de madeira	0,4472	0,3207	0,2784	0,2341	0,2611	0,1460	0,3203	0,3455	0,2995
26	Minérios, escórias e cinzas	0,0000	0,0167	0,1799	0,1873	0,1920	0,2083	0,2545	0,0129	0,2457
12	Sementes e frutos oleaginosos	0,1985	0,1170	0,0992	0,2758	0,2841	0,2069	0,2565	0,2301	0,1625
74	Cobre e suas obras	0,0049	0,0601	0,0435	0,0148	0,0566	0,2337	0,0457	0,2063	0,1253
29	Produtos químicos orgânicos	0,0715	0,1131	0,1359	0,0535	0,0539	0,0886	0,0381	0,0426	0,0461
52	Algodão	0,0026	0,0127	0,0104	0,0581	0,0154	0,0237	0,0132	0,0226	0,0347
	Total	0,7247	0,6403	0,7473	0,8237	0,8630	0,9071	0,9283	0,8600	0,9139

Fonte: Elaboração Própria da Autora com Base nos Dados de Brasil (2011).

maiores exportadores estaduais (BA e MA) enviaram para aquele destino 95% do valor total vendido pela região em 2010 e os maiores compradores de produtos chineses foram, nesse ano, quatro estados, os quais totalizaram 90% do valor total adquirido pelo Nordeste: BA, CE, PE e PB. (Tabela 11).

A expansão do comércio regional/estadual pode ser avaliada através dos índices de *quantum* e de preços das exportações. No período recente, o *quantum* das vendas externas regionais² (conjunto formado pelos estados do Piauí, Rio Grande do Norte, Paraíba, Alagoas e Sergipe) esteve abaixo daquele observado para o Brasil nos dois últimos anos. (Gráfico 5). O Maranhão, dentre os estados observados individualmente, é o único em que, em 2008 e 2010, esse índice esteve acima daquele registrado pela região (exclusive estados selecionados) e pelo País, situação essa justificada pela forte participação da China como compradora dos produtos estaduais, tais como soja e minério de ferro. A retração registrada em 2009 justifica-se pelo ano atípico de crise internacional e pela redução das compras desse mesmo país importante e decisivo parceiro na pauta compradora maranhense. De fato, a forte presença da China como parceira comercial do Maranhão revela forte

concentração dos destinos, o que implica em reflexos imediatos nas vendas a partir de qualquer oscilação de demanda advinda daí. De seu lado, o *quantum* exportado pelos outros três estados selecionados não sofreu significativas alterações, nesses três anos, que expressassem maior desconcentração dos parceiros compradores. Nessa perspectiva, nota-se que, nesses três estados, assim como no restante dos estados que compõem a região, os impactos dos efeitos da crise em 2009 foram em menor proporção, tendo em vista suas pautas exportadoras serem bem mais diversificadas que as do Maranhão.

Quanto ao índice de preços das exportações do País, da região (exclusive estados selecionados) e dos estados aqui selecionados, ou seja, aqueles que expressam maior dinamicidade de seus comércios externos³ (Bahia, Ceará, Maranhão e Pernambuco), constata-se relativa estabilidade nos preços praticados por todos eles no período analisado. (Gráfico 6). Em 2008, o Brasil e o Maranhão estiveram beneficiados pelo aumento dos preços das *commodities* no mercado internacional. Neste caso, mais uma vez, a soja tem papel decisivo nesses índices e a China, em consequência, como compradora de tal produto. Em 2010, os preços dos produtos brasileiros exportados

Tabela 11 – Nordeste: Balança Comercial por Estado (2002-2010) (Participação)

Estados	Mundo				China			
	2002		2010		2002		2010	
	X	M	X	M	X	M	X	M
Alagoas	0,0641	0,0267	0,0612	0,0142	0,0000	0,0000	0,0000	0,0296
Bahia	0,5181	0,4029	0,5600	0,3780	0,7629	0,3973	0,6527	0,2772
Ceará	0,1171	0,1365	0,0800	0,1240	0,0115	0,2602	0,0220	0,2726
Maranhão	0,1401	0,1864	0,1840	0,2183	0,2169	0,0434	0,3013	0,0235
Paraíba	0,0253	0,0170	0,0137	0,0392	0,0000	0,0139	0,0001	0,1285
Pernambuco	0,0687	0,1811	0,0701	0,1871	0,0034	0,2242	0,0051	0,2166
Piauí	0,0103	0,0028	0,0081	0,0108	0,0030	0,0475	0,0175	0,0361
Rio G. Norte	0,0481	0,0248	0,0179	0,0183	0,0019	0,0108	0,0009	0,0107
Sergipe	0,0081	0,0219	0,0048	0,0103	0,0003	0,0027	0,0003	0,0053

Fonte: Elaboração Própria da Autora com Base nos Dados de Brasil (2011).

Nota: as participações em evidência referem-se aos mais expressivos estados exportadores à China e importadores da China.

² Analisam-se aqui quatro estados separadamente (BA, CE, MA e PE) e o Nordeste, formado pelos cinco restantes (AL, PB, PI, RGN, SE).

³ Os quatro estados citados responderam, em 2010, por cerca de 90% do valor total do exportado pela Região, sendo a Bahia sozinha detentora de 56% do valor regional seguida pelo Maranhão (com 18%), Ceará (8%) e Pernambuco (7%).

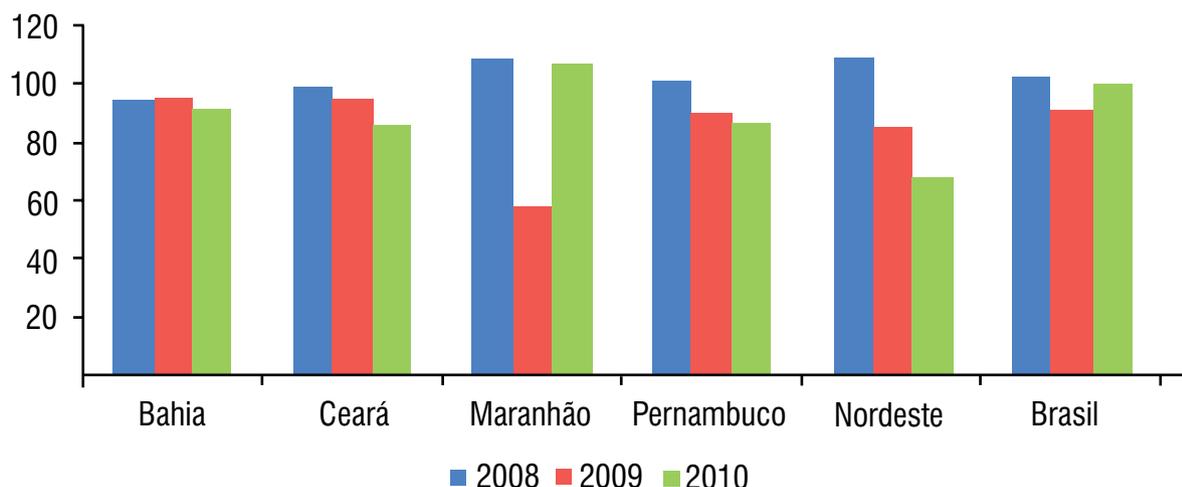


Gráfico 5 – Brasil, Nordeste e Estados Selecionados: Índice de *Quantum* das Exportações (2008-2010)

Fonte: Elaboração Própria da Autora com Base nos Dados da Fundação de Comércio Exterior (2011).

Nota: Nordeste exclui Bahia, Ceará, Maranhão e Pernambuco. 2006=100.

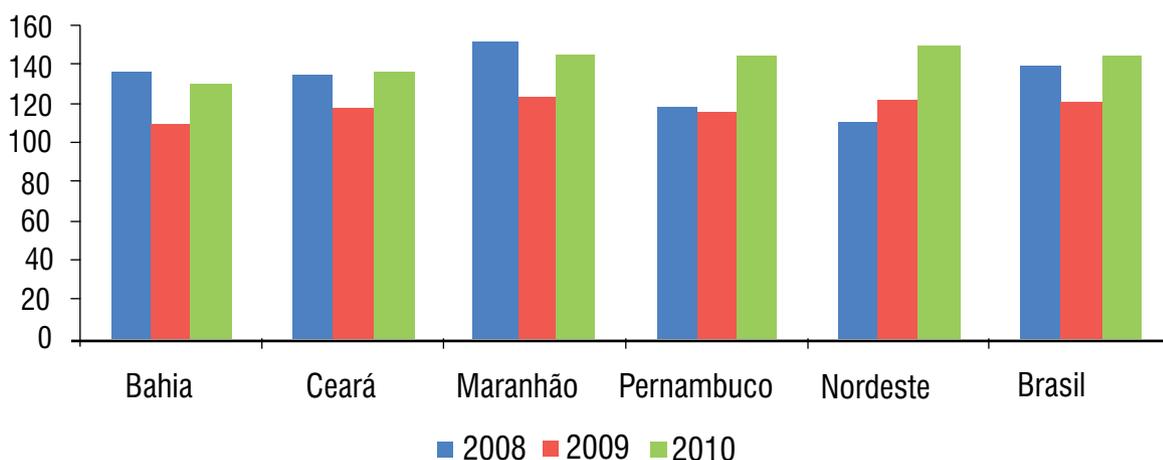


Gráfico 6 – Brasil, Nordeste e Estados Selecionados: Índice de Preços das Exportações (2008-2010)

Fonte: Elaboração Própria da Autora com Base nos Dados da Fundação de Comércio Exterior (2011).

Nota: Nordeste exclui Bahia, Ceará, Maranhão e Pernambuco. 2006=100.

voltam a crescer no mercado mundial o que sustentou, juntamente com a expansão do *quantum* vendido, os resultados positivos da balança comercial, apesar do forte incremento das importações. Para a região como um todo, o incremento dos preços ocorrido em 2010 não compensa a retração da demanda nesse

ano e, portanto, a expansão das compras externas reflete resultado negativo na balança comercial regional. De maneira geral, com exceção da Bahia e, em certa medida, Pernambuco, as pautas estaduais para o mundo são compostas, fundamentalmente, por *commodities* agrícolas e minerais, cujos preços são

reflexos da oferta internacional, e bens de consumo de baixo valor agregado, como caçados e têxteis.

Conforme foi assinalado anteriormente, dois estados da região são disparados os maiores responsáveis pela expansão do comércio regional com a China, ou seja, Bahia e Maranhão. A Tabela 12 permite identificar a parcela relativa e a importância dos setores exportadores desses estados nas pautas nordestinas e brasileiras. Dentre os seis principais setores exportadores brasileiros para a China, o Nordeste tem representatividade em três: minérios, soja e pastas de madeira. A Bahia se destaca no setor de pasta de madeira em que ela foi responsável por cerca da metade do que foi vendido pelo Brasil para a China em 2010 e, em menor parcela, no setor de sementes oleaginosas (3%). O Maranhão respondeu por 7% do valor total vendido pelo Brasil do setor de ferro fundido e 3% do setor de minérios.

O comércio exterior da Bahia com a China vem registrando processo de intensificação substancial. A importância adquirida por esse país tanto como comprador como fornecedor, nos últimos anos, vem assumindo proporções extraordinárias. A participação da China no total das exportações baianas passou de 2% em 2002 para 13% em 2010. Já a contribuição das importações provenientes desse país nas importações baianas totais evoluiu de 2% em 2002 para 24% em 2010. Com esse resultado, a China passou a figurar entre os principais parceiros comerciais do Estado da Bahia. No período 2002-2010, a corrente de comércio entre a Bahia e a China aumentou mais de dezoito vezes, revelando um dinamismo superior ao total comercializado entre a região e o resto do mundo.

O comportamento das exportações baianas direcionadas para aquele país revelou-se excepcional a partir de 2002 tanto no que diz respeito à magnitude das taxas anuais observadas como pela sustentabilidade ao longo dos anos. Em 2010, as vendas externas do estado para a China assinalaram expansão de vinte vezes em relação a 2002 e as importações aumentaram dezesseis vezes em relação ao mesmo ano. A Bahia tem a pauta exportadora para a China composta fundamentalmente de nove produtos, os quais têm, em maior ou menor grau, relevância na pauta regional, com destaque para os seguintes produtos: pasta química de madeira e outros grãos de soja. (Tabela 13).

O Estado do Maranhão tem expandido cada vez mais suas vendas ao exterior. As exportações têm mantido taxas significativas de crescimento anual a partir de 2002, com exceção de 2009. O valor total das vendas externas estaduais, em 2004, subiu 66% comparativamente ao ano anterior. Nesse ano, o saldo elevou-se em 530% em relação a 2003. No biênio 2005/2006, as importações cresceram proporcionalmente muito mais que as exportações, fazendo com que o resultado final da balança se reduzisse no primeiro ano e se tornasse deficitário no ano subsequente, situação essa que se aprofunda significativamente nos anos posteriores. (FONTENELE; MELO, 2007).

O Maranhão vem mantendo forte relação comercial com a China na última década, sobretudo no que se refere às vendas. De fato, as exportações para esse destino, em 2010, estavam trinta e uma vezes maiores, se comparadas ao montante daquelas realizadas em 2002, e as compras, sete vezes maiores. As vendas

Tabela 12 – Brasil: Principais Setores Exportados para China em 2010 (Participação Regional e Estadual)

NCM	Setores	CS	NE/BR	BA/BR	MA/BR	PI/BR
26	Minérios, escórias e cinzas	0,4426	0,2457	0,0000	0,0317	-
12	Sementes e frutos oleaginosos	0,2317	0,1625	0,0299	0,0083	0,0025
27	Combustíveis minerais, óleos minerais	0,1317	0,0001	0,0000	-	-
47	Pastas de madeira ou matérias fibrosas	0,0366	0,2995	0,4745	-	-
15	Gorduras, óleos e ceras animais ou vegetais	0,0264	0,0129	0,0095	0,0010	0,0147
72	Ferro fundido, ferro e aço	0,0184	0,0231	0,0036	0,0691	-
17	Açúcares e produtos de confeitaria	0,0167	0,0000	0,0000	-	-

Fonte: Elaboração Própria da Autora com Base em Dados de Brasil (2011).

Tabela 13 – Bahia: Principais Produtos Exportados para China em 2010 (Participação)

NCM	Produtos	CS	BA/ NE	BA/ BR
47032900	Pasta química de madeira de não-conífera a soda	0,2730	0,1782	0,0295
47020000	Pasta química de madeira, para dissolução	0,1859	0,1213	0,0070
12010090	Outros grãos de soja, mesmo triturados	0,1829	0,1625	0,0376
74031100	Catodos de cobre refinado/seus elementos, em forma bruta	0,1719	0,1122	0,0065
52010020	Algodão debulhado, não-cardado nem penteado	0,0505	0,0342	0,0045
29261000	Acrilonitrila	0,0215	0,0141	0,0008
74040000	Desperdícios e resíduos, de cobre	0,0199	0,0131	0,0009
29051600	Octanol (álcool octílico) e seus isômeros	0,0184	0,0120	0,0007
29024300	P-xileno	0,0127	0,0083	0,0005

Fonte: Elaboração Própria com Base nos Dados de Brasil (2011).

Nota: os produtos destacados são os produtos estaduais mais relevantes na pauta brasileira.

para a China vêm ocupando espaço cada vez mais significativo nas transações comerciais. Esse país assumiu, em 2010, a primeira posição entre os compradores do estado, desbancando os Estados Unidos, que, historicamente, a ocupavam até 2009. Dentre os estados nordestinos, este foi o segundo mais importante nas vendas externas da região direcionadas para a China. Em 2010, a participação estadual ficou em 30% do valor total que a região vendeu, ficando atrás apenas da Bahia, com 65%. (BRASIL, 2011). Os principais produtos exportados pelo Maranhão para o mercado chinês foram minérios de ferro aglomerados e não-aglomerados, grãos de soja e ferro fundido. Com exceção da soja, para os outros produtos, o estado é praticamente o único exportador regional para esse destino. (Tabela 14).

A pauta importadora da região Nordeste oriunda da China é muito mais diversificada que a exportadora e os maiores estados compradores, em 2010, foram

a Bahia, Ceará, Pernambuco e Paraíba, os quais adquiriram produtos específicos associados às suas estruturas produtivas e de consumo. A Bahia importa, sobretudo, produtos dos setores 85 (máquinas, aparelhos e materiais elétricos e suas partes) e 84 (reatores nucleares, caldeiras, máquinas etc., mecânicos). No capítulo 84, os produtos adquiridos em 2010 foram, fundamentalmente, componentes para fabricação de computadores, tais como tela, unidade de disco, placas-mãe e placas de memória. (BRASIL, 2011). Os dois setores acima totalizaram, em 2010, 75% das compras estaduais dessa origem.

O Estado do Ceará adquiriu da China, em 2010, sobretudo, produtos pertencentes aos setores 72 (ferro fundido, ferro e aço) e, em menor escala, ao setor 84 (reatores nucleares, caldeiras, máquinas etc., mecânicos). Os dois setores responderam por 65% das compras vindas da China, sendo o setor de ferro o mais representativo (52%). Vários tipos de laminados

Tabela 14 – Maranhão: Principais Produtos Exportados para China em 2010 (Participação)

NCM	Produtos	CS	MA/NE	MA/BR
26011100	Minérios de ferro não-aglomerados e seus concentrados	0,7193	0,9910	0,0318
12010090	Outros grãos de soja, mesmo triturados	0,1099	0,2038	0,0083
26011200	Minérios de ferro aglomerados e seus concentrados	0,0851	1,0000	0,0395
72011000	Ferro fundido bruto não-ligado, c/peso <= 0.5% de fósforo	0,0729	1,0000	0,0691

Fonte: Elaboração Própria da Autora com Base nos Dados de Brasil (2011).

Nota: Os produtos destacados são os produtos estaduais mais relevantes na pauta brasileira.

de ferro são comprados pelo estado, dessa origem, os quais são utilizados como insumos na indústria metal-mecânica estadual.

As importações pernambucanas da China são bem mais diversificadas que as dos dois estados observados acima. Em 2010, o estado importou desse país produtos, sobretudo, dos setores 84 (reatores nucleares, caldeiras, máquinas etc., mecânicos), 85 (máquinas, aparelhos e materiais elétricos e suas partes), 72 (ferro fundido, ferro e aço), 60 (tecidos de malha), 87 (veículos automóveis, tratores e suas partes, acessórios) e 40 (borracha e suas obras), para citar os mais representativos, cujas participações totalizaram 60% do valor total das compras da China. Aqui, é importante salientar a importação de equipamentos pesados para construção civil e para atividades portuárias, segmentos importantes na economia pernambucana, além de insumos para a indústria de confecção, atividade pródutiva também de relevância para a economia estadual.

A pauta importadora da Paraíba com o parceiro chinês também é menos concentrada que a dos dois primeiros estados analisados (BA e CE). Aqui, são seis os setores com maior peso, a saber: 84 (reatores nucleares, caldeiras, máquinas etc., mecânicos); 60 (tecidos de malha); 54 (filamentos sintéticos e artificiais); 87 (veículos automóveis, tratores e suas partes, acessórios); 64 (calçados, polainas e artefatos semelhantes e suas partes); e 40 (borracha e suas obras). Este conjunto, em 2010, totalizou 67% do valor de tudo que foi comprado por esse estado à China. Além de equipamentos para construção civil e caminhões, vale ressaltar a aquisição, com importância, de insumos para as indústrias de confecção e de calçados, ambas com forte relevância na estrutura produtiva do Estado.

As pautas importadoras dos quatro estados nordestinos citados refletem, em certa medida, o que vem ocorrendo em nível nacional, ou seja, o peso crescente dos insumos industriais adquiridos da China. É fato incontestável que a China se consolidou como o maior parceiro comercial brasileiro nos últimos três anos. No Brasil, tem ocorrido, de maneira ascendente, uma relação de dependência de fornecedores chineses, à medida que, para contornar a apreciação do real,

a indústria tem adquirido insumos daquele país, assim como, no caso brasileiro, as importações regionais cresceram nestes itens. De outro lado, a indústria brasileira, em determinados segmentos, por exemplo, calçados e têxteis, tem-se aproveitado dos preços competitivos de bens intermediários chineses e efetuado substituição daqueles antes produzidos internamente.

5 – NOTAS CONCLUSIVAS

A China desponta como importante parceiro comercial brasileiro na última década. Tradicional fornecedor de *commodities* para o mercado mundial, o Brasil, em geral, e a região Nordeste, em particular, têm aproveitado os bons momentos da expansão da demanda desses produtos advindos das taxas de crescimento econômico da China. Em 2009, este país tornou-se o principal comprador dos produtos brasileiros e a região participa de forma ativa nesse comércio, guardando suas especificidades.

A relação bilateral Brasil-China alcançou níveis recordes em 2010 e consolidou esse país como o maior parceiro comercial brasileiro, com forte participação de produtos básicos na pauta exportadora, cujos produtos também são os mais relevantes para a pauta regional com aquele país.

Nesse contexto, a participação de produtos básicos na pauta exportadora brasileira para aquele país aumentou em relação ao ano anterior e se concentrou em três itens: minérios de ferro, soja e óleos brutos de petróleo. Do lado das compras, dois setores foram responsáveis por mais da metade do que foi adquirido da China: máquinas, aparelhos e materiais elétricos e reatores e máquinas nucleares.

De fato, o comércio externo brasileiro, nos últimos três anos, teve as estruturas de suas pautas modificadas significativamente. A intensidade tecnológica dos produtos transacionados no mercado mundial indica parcela crescente negativa nos saldos dos setores classificados como de alta intensidade tecnológica, média-alta e média-baixa e resultado positivo apenas para os setores classificados como de baixa intensidade tecnológica. É incontestável que a pauta exportadora tem registrado movimento

em direção à primarização e que a China é a grande responsável por esse efeito. Do lado das compras, no Brasil, tem ocorrido de maneira ascendente uma relação de dependência de fornecedores chineses, à medida que, para contornar a apreciação do real, a indústria tem adquirido insumos daquele país em substituição aos fornecedores de outros países e mesmo internos.

Para a região, o movimento do comércio acompanha aquele do país e o movimento ascendente da corrente de comércio mundial com a região está fortemente associado à expansão das transações comerciais com a China. O Nordeste, tradicional fornecedor de produtos básicos, despontou, em 2010, com expansão de suas vendas ao exterior, notadamente para a China. As vendas regionais para esse país não se encolheram mesmo em 2009, no bojo da retração do comércio mundial. Sem dúvida, os principais setores da pauta exportadora brasileira para esse país são também os mais importantes na pauta exportadora regional, sendo Bahia e Maranhão os estados responsáveis pelo bom desempenho das vendas externas para a China. Do lado das compras, a região concentrou, em 2010, suas aquisições em matérias-primas para a indústria, tais como laminados de ferro/aço, componentes eletrônicos, tecidos e componentes para calçados. Neste caso, o peso das importações foi mais bem distribuído entre os nove estados da região.

As pautas importadoras dos quatro principais estados nordestinos importadores (BA, CE, PE e PB) refletem, em certa medida, o que vem ocorrendo em nível nacional, ou seja, o peso crescente dos insumos industriais adquiridos da China. Assim como, no caso brasileiro, as importações regionais cresceram nestes itens. De seu lado, a expansão e consolidação das cadeias globais têm conduzido o país a se afirmar como montador de bens duráveis, particularmente dos setores eletroeletrônico e automobilístico, o que influencia, de maneira decisiva, a importação crescente de bens intermediários para as multinacionais, assim como do restante dos estados que compõem a região.

ABSTRACT

This paper analyzes quantitatively and qualitatively the Brazilian foreign trade and the Northeastern in

the light of the movement of commerce chain made between these and China. It also evaluates the exchanges through concentration indicators of agenda and commercial trade among sectors. The Brazil-China bilateral trade relationship reached record levels in 2010 and consolidated China as the biggest commercial partner with strong participation of basic products in the in the export agenda, whose products are also the most relevant to the regional agenda. China, nowadays, is the second largest buyer of the Region and gets essentially from Maranhão and Bahia products such as iron ore, wood pulp and soy. The main buyers of the chinese products are Bahia, Ceará and Pernambuco, these being, especially machinery, iron laminates and fabrics.

KEY WORDS

Foreign Trade. China. Brazil. Northeast Region.

REFERÊNCIAS

BALASSA, B. "Revealed" comparative advantage revisited: analysis of relative export share of the industrial countries, 1953-1971.

The School of Economic and Social Studies, Manchester, v. 45, p. 327-344, 1977.

BRASIL. Ministério da Indústria e Comércio.

Aliceweb 2011. Brasília, DF, 2011. Disponível em: <www.mdic.gov.br>. Acesso em: 2011.

CHAVAGNEUX, C. et al. **Les enjeux de la mondialization**. Paris: La Decouverte, 2007. (Collection Repères, n. 490).

FONTAGNÉ, L.; FREUDENBERG, M. **Intra-industry trade methodology issues reconsidered**. Paris: CEPII, 2001. (Document de Travail).

FONTENELE, A. M.; MELO, M. C. P. Comércio exterior do Nordeste (1980-2008) e dilemas de política pública em uma economia pobre com pauta concentrada. **Cadernos de Desenvolvimento**, Rio de Janeiro, ano 5, n. 7, p. 322-348, out. 2010.

_____. **Competitividade e potencial de expansão**

dos setores exportadores dos estados nordestinos.

Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 2007.

_____. **Desempenho externo recente da**

região Nordeste do Brasil: uma avaliação da competitividade e potencialidades de expansão dos setores exportadores estaduais. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 2005.

FUNDAÇÃO DE COMÉRCIO EXTERIOR.

FuncexData. [S.I.], [20--]. Disponível em: <www.funcex.org.br>. Acesso em: 2011.

GRUBEL, H. G.; LOYD, P. J. **Intra-industry trade:** the theory and measurement of international trade in differentiated products. London: MacMillan Press, 1975.

INSTITUTO DE ESTUDOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDUSTRIAL. **Os resultados de 2008 e os primeiros impactos da crise sobre o comércio exterior brasileiro.** São Paulo, 2009. Disponível em: <www.iedi.org.br>. Acesso em: 20 jul. 2011.

KRUGMAN, P. R.; OBSTFELD, M. **Économie internationale.** Bruxelas: De Boeck & Larcier, 1995.

LANDIM, R. “Brasil depende da china para evitar a crise”. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 14 ago. 2011.

LEVY, P. M. O Brasil e a crise financeira internacional. **Revista Brasileira de Comércio Exterior**, Rio de Janeiro, ano 22, n. 97, p. 6-11, out./dez. 2008.

MACHADO, J. B. M.; FERRAZ, G. T. **Comércio externo da China:** efeitos sobre as exportações brasileiras. Brasília, DF: Ipea, 2006. (Texto para Discussão, n. 1.182).

MELO, M. C. P. Inserção internacional da Região Nordeste e a dinâmica do comércio exterior brasileiro nos anos recentes. **Revista Econômica do Nordeste**, Fortaleza, v. 38, n. 4, out./dez. 2007.

MELO, M. C. P.; MOREIRA, C. A. L. China X Região Nordeste do Brasil: uma qualificação das transações

comerciais bilaterais recentes. In: ENCONTRO REGIONAL DE ECONOMIA DO NORDESTE, 13., 2008, **Anais ...** Fortaleza: Anpec, 2008.

MELO, M. C. P.; MOREIRA, C. A. L.; VELOSO, A. W. **O Nordeste do Brasil na expansão do comércio chinês.** Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 2010.

MICHAELY, M. **Theory of commercial policy:** trade and protection. Oxford: University of Chicago Press, 1977.

NONNENBERG, M. B. et al. **O crescimento econômico e a competitividade chinesa.** Rio de Janeiro: Ipea, 2008. (Texto para Discussão, n. 1.333).

OBSERVATORIO BRASIL-CHINA. Brasília, DF: CNI, ano 4, n. 1, mar. 2011. Disponível em: <http://www.cni.org.br/portal/data/files/00/FF8080812FA1DE73012FBC57E0EC6156/Obsv%20Brasil%20China_mar_2011.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2011.

OCDE. **Science, technology and industry scoreboard 2001:** towards a knowledge based economy. [S.I.], 2004. Disponível em: <www.oecd.org>. Acesso em: 10 mar. 2011.

PUGA et al. Preços das commodities e impactos na economia brasileira. **Revista Brasileira de Comércio Exterior**, Rio de Janeiro, ano 22, n. 97, p. 6-11, out./dez. 2008.

SONDAGEM ESPECIAL. Especial China. Brasília, DF: CNI, ano 4, n. 1, fev. 2011. Disponível em: <www.cni.org.br/.../Sondagem%20Especial%20China%20Fevereiro%...>. Acesso em: 18 jun. 2011.

WATANABE, M. Fabricantes de bens duráveis lideram aumento de importações. **Valor Econômico**, São Paulo, 23 ago. 2011.

WORLD TRADE ORGANIZATION. **Annual report 2011.** [S.I.], 2011. Disponível em: <www.wto.org>. Acesso em: 29 ago. 2011a.

_____. **Annual report 2010.** Disponível em: <www.wto.org>. Acesso em: 15 ago. 2011b.

